



<http://dx.doi.org/10.15448/1984-7726.2025.1.48451>

TEMAS LIVRE

Indígenas de Férias: as narrativas de resistência de Thomas King em território brasileiro

Indígenas de Férias: *Thomas King's Narratives of Resistance in Brazilian Territory*

Indígenas de Férias: *Las Narrativas de Resistencia de Thomas King en el Territorio Brasileño*

Rubelise da Cunha¹

orcid.org/0000-0002-5420-5760
rubeliseacunha@furg.br

Lohanna Gonçalves**Laureano¹**

orcid.org/0009-0002-6484-6446
lohannalaureano59@gmail.com

Recebido em: 30 jun. 2025.

Aprovado em: 28 set. 2025.

Publicado em: 27 nov. 2025.

Resumo: Thomas King é um dos mais conhecidos escritores indígenas contemporâneos, reconhecido por sua vasta produção literária e acadêmica que aborda com humor e ironia as complexidades da identidade indígena na América do Norte. *Indígenas de Férias* é seu primeiro romance traduzido para a língua portuguesa, publicado no Brasil em 2022, com curadoria da TAG Livros e tradução de Davi Boaventura. Este trabalho analisa as contribuições da obra do autor e da tradução do seu romance no contexto brasileiro, tendo em vista os aspectos basilares de sua escrita literária como resistência aos discursos e imaginários coloniais. Por meio de uma escrita que transita entre o humor, a ironia e a crítica social, o autor desconstrói estereótipos arraigados e oferece novas possibilidades de compreensão das identidades indígenas, deslocando-as do lugar do exótico, do marginalizado e do passado, convergindo com questões centrais nos estudos que envolvem a literatura indígena no Brasil. A publicação de *Indígenas de Férias* no Brasil, obra que aproxima o público leitor brasileiro do trabalho crítico e artístico de Thomas King, não apenas amplia o acesso à literatura indígena canadense, mas também desafia leitores brasileiros a refletirem sobre as representações indígenas em diferentes contextos, assim como sobre a presença indígena na contemporaneidade, a qual tanto habita territórios tradicionais como está imersa em contextos urbanos e tecnológicos. O romance, juntamente com os ensaios do livro *The Truth About Stories* e produções poéticas e audiovisuais como *I'm Not the Indian You Had in Mind*, contribuem para um debate mais amplo sobre identidade, memória e resistência indígena, temas centrais na trajetória e obra literária de Thomas King, assim como nas discussões que envolvem os povos originários e que reverberam hoje na produção literária e crítico-teórica desenvolvida por escritores indígenas no Brasil.

Palavras-chave: literatura indígena; resistência; estereótipos; Thomas King.

Abstract: Thomas King is one of the most well-known contemporary Indigenous writers, recognized for an extensive literary production, which acknowledges the complexities of Indigenous identity in North America with humor and irony. *Indígenas de Férias* is his first novel translated into Portuguese, published in Brazil in 2022 with the curatorship of TAG Livros and translated by Davi Boaventura. In this article, we analyze the contributions of King's work and the translation of his novel in the Brazilian context, considering the fundamental aspects of his literary writing as resistance to colonial discourses and imaginaries. As his writing encompasses humor, irony and social criticism, he deconstructs ingrained stereotypes and offers new possibilities for understanding indigenous identities, repositioning them from the locus of the exotic, marginalized and past, while converging with central issues in the studies of Indigenous Literature in Brazil. The publication of *Indígenas de Férias* in Brazil approximates Brazilian readers to Thomas King's critical and artistic work. It not only enhances the access to Canadian Indigenous literature, but also defies Brazilian readers to reflect about Indigenous representations in different contexts, as well as Indigenous presence



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil.

in the contemporary world, who inhabits both traditional territories and urban and technological contexts. The novel, alongside works such as *The Truth About Stories* and *I'm not the Indian You Had in Mind*, contributes to a broader debate about identity, memory and Indigenous resistance. These are central themes to the trajectory and literary work by Thomas King, and they engage Indigenous peoples and resonate today in the literary, critical and theoretical production by Indigenous writers in Brazil.

Keywords: Indigenous Literature; Resistance; Stereotypes; Thomas King.

Resumen: Thomas King es uno de los escritores indígenas contemporáneos más conocidos, destacado por su vasta producción literaria y académica que aborda con humor e ironía las complejidades de la identidad indígena en América del Norte. *Indígenas de Férias* es su primera novela traducida al portugués, publicada en Brasil en 2022 con la curaduría de TAG Livros y traducción de Davi Boaventura. Este trabajo analiza las contribuciones de la obra del autor y de la traducción de su novela en el contexto brasileño, teniendo en cuenta los aspectos fundamentales de su escritura literaria como forma de resistencia a los discursos e imaginarios coloniales. A través de una escritura que transita entre el humor, la ironía y la crítica social, el autor deconstruye estereotipos arraigados y ofrece nuevas posibilidades para comprender las identidades indígenas, desplazándolas del lugar de lo exótico, lo marginado y lo pasado, en consonancia con cuestiones centrales en los estudios sobre literatura indígena en Brasil. La publicación de *Indígenas de Férias en Brasil*, obra que acerca al público lector brasileño al trabajo crítico y artístico de Thomas King, no solo amplía el acceso a la literatura indígena canadiense, sino que también desafía a los lectores brasileños a reflexionar sobre las representaciones indígenas en diferentes contextos, así como la presencia indígena en la contemporaneidad, que habita tanto territorios tradicionales como está inmersa en contextos urbanos y tecnológicos. La novela, junto con los ensayos del libro *The Truth About Stories* y producciones poéticas y audiovisuales como *I'm Not the Indian You Had in Mind*, contribuyen a un debate más amplio sobre identidad, memoria y resistencia indígena, temas centrales en la trayectoria y obra literaria de Thomas King, así como en las discusiones que involucran a los pueblos originarios y que resuenan hoy en la producción literaria y crítica-teórica desarrollada por escritores indígenas en Brasil.

Palabras clave: literatura indígena; resistencia; estereotipos; Thomas King.

*Quando encontramos pessoas e vamos nos apresentar,
ela se adianta – até com certo orgulho –
e diz que sou indígena.
E eles selam o pacto, o contrato,
de nunca me deixar esquecer a identidade
e a história que produziram para mim
“Canção de ninar colonial”
Trudruá Dorrico (2023)*

Thomas King: trânsito cultural e midiático

Ao longo da história, os povos indígenas foram sistematicamente retratados a partir de estereótipos produzidos pelo olhar colonial. Essas representações não apenas deformaram suas imagens, mas também atuaram como mecanismos de dominação cultural, política e simbólica, funcionando como ferramentas de apagamento, marginalização e silenciamento. A literatura, o cinema, as mídias visuais e a cultura de massa, de maneira geral, colaboraram ativamente para a construção de uma narrativa que enquadra os povos indígenas ora como figuras românticas e exóticas — vinculadas à natureza, ao passado e ao misticismo —, ora como obstáculos à modernidade, relegados ao lugar do “outro” a ser assimilado ou eliminado.

Diante desse cenário, a obra do escritor, acadêmico e roteirista canadense Thomas King se destaca como uma das vozes mais proeminentes na desconstrução dessas narrativas coloniais. King, que carrega em sua trajetória pessoal e acadêmica a intersecção de múltiplas identidades — filho de mãe grega e pai Cherokee, nasceu nos Estados Unidos e tornou-se cidadão canadense —, constrói em seus textos um projeto literário e político que busca não apenas subverter os estereótipos, mas também restituir aos povos indígenas o direito de contar suas próprias histórias. Seu trabalho se insere no campo dos Estudos Indígenas de maneira incisiva, articulando humor, ironia, crítica social e estratégias narrativas sofisticadas para desestabilizar as estruturas que historicamente sustentaram o colonialismo. O alcance de sua comunicação com o público reflete-se no fato de um de seus romances, *Green Grass, Running Water* (1993) ter se tornado um *best-seller*, e suas narrativas atravessarem fronteiras midiáticas, sendo que um dos capítulos de seu romance foi transformado num programa de rádio da Canadian Broadcast Corporation (CBC) transmitido entre 1997 e 2000, intitulado *Dead Dog Café Comedy Hour*, numa espécie de novela de rádio com episódios que envolvem personagens do romance. Além disso, seu pri-

meiro romance, *Medicine River* (1990), também foi adaptado ao cinema². Em sua circulação por outras mídias, além do programa de rádio *Dead Dog Café Comedy Hour*, King também foi editor da série *Four Directions* da CBC e roteirista e diretor do curta *I'm Not the Indian You Had in Mind* (2007), que dialoga com a questão da identidade e dos estereótipos indígenas.

Seu percurso educacional incluiu a Chico State University e a Universidade de Utah, onde obteve o doutorado em 1986. No Canadá, atuou na Universidade de Lethbridge, na província de Alberta, onde esteve em contato com os indígenas da etnia Blackfoot, os quais assumem papel proeminente em suas obras literárias. Atualmente vive na cidade de Guelph, na província de Ontário, e é professor emérito da Universidade de Guelph, em que atuou como professor de escrita criativa.

A mudança para o Canadá, em 1980, marcou o início de sua carreira como escritor de ficção e acadêmico na área de Estudos Indígenas. Seu primeiro romance, *Medicine River* (1990), foi um sucesso, por isso a adaptação filmica pela CBC. Thomas King continuou a explorar narrativas indígenas em diversas formas, como nos romances *Green Grass, Running Water* (1993) e *Truth and Bright Water* (1999), e em contos de coletâneas como *One Good Story, That One* (1993), também publicado em formato de livro infantil com ilustrações de William Kent Monkman, e *A Short History of Indians in Canada* (2005). Sua incursão na literatura policial também é notável, com a série *Dreadful Water Mystery*, publicada sob o pseudônimo Hartley GoodWeather.

Além da ficção, King também é um importante ensaísta e crítico. Sua palestra para as Conferências Massey, *The Truth About Stories: A Native Narrative* (2003), foi transformada em livro e se tornou uma referência essencial para os Estudos Indígenas. Em *The Inconvenient Indian: A Curious Account of Native People in North America* (2012), adaptado como Documentário pelo National Film Board of Canada em 2020, com roteiro de Thomas King, o autor desconstrói mitos e estereótipos

sobre os povos indígenas, analisando como sua história tem sido contada ao longo dos séculos. O reconhecimento de seu trabalho também é visível através de múltiplos prêmios, incluindo a Medalha Stephen Leacock de Humor por *Indians on Vacation* e o Governor General's Literary Award pelo romance *The Back of the Turtle* (2014). Em 2004, foi nomeado Membro da Ordem do Canadá e promovido a Companheiro, nível mais alto da ordem, em 2020, consolidando sua relevância como intelectual e ativista indígena.

Em 2020, Thomas King lançou *Indians on Vacation*, traduzido no Brasil como *Indígenas de Férias* (2022), sendo sua primeira obra publicada em português. A tradução, realizada por Davi Boaventura e publicada pela Editora Dublinense em parceria com a TAG Livros, representa um marco importante na disseminação da literatura indígena canadense para o público brasileiro. Essa tradução permite um novo olhar sobre as narrativas indígenas, trazendo ao Brasil a abordagem crítica e bem-humorada de Thomas King sobre os desafios enfrentados pelos povos indígenas em contextos contemporâneos.

No contexto brasileiro, é significativo que Thomas King seja o primeiro escritor indígena do Canadá a ter um romance traduzido para a língua portuguesa. Por ser a TAG Livros um Clube de Assinaturas de Livros engajado com a formação de leitores e com os temas transversais que hoje são centrais nas políticas educacionais, a escolha da tradução do romance de King para publicação, com a consultoria da escritora brasileira do povo Macuxi Trudruá Dorrico, demonstra o quanto a obra do escritor indígena dialoga com as questões que envolvem os povos originários e a Literatura Indígena no Brasil. A importância do trabalho realizado nessa publicação parte também do trabalho de curadoria da TAG Livros, que desenvolveu material de apoio a ser entregue a seus assinantes juntamente com o romance traduzido, do qual fazem parte textos para contextualização da leitura da obra, como o prefácio "Uma viagem narrativa com Thomas

² O filme *Medicine River*, de 1993, foi dirigido por Stuart Margolin e teve como protagonista um ator indígena conhecido das telas de cinema: Graham Greene, pertencente ao povo Oneida.

King", de Rubelise da Cunha, e o texto de informações históricas intitulado "Histórias não contadas e feridas abertas", de Eduardo Palma, assim como uma entrevista de Rafaela Pechansky com a curadora do mês da TAG Livros, a escritora canadense Margaret Atwood, intitulada "King usa o humor para fins sérios e subversivos", na qual a autora comenta sobre o trabalho de King e seu último romance. Também há um posfácio, com conteúdos indicados para depois da leitura do romance, como o texto "Os demônios de Bird", de Bruna Meneguetti, uma entrevista com Thomas King e, em parceria com a revista canadense *Hamilton Review of Books*, uma resenha do autor David A. Robertson, que analisa a obra de Thomas King e a relaciona com as suas próprias experiências como indígena de origem Cree no Canadá. O atravessar midiático que King opera com suas obras também faz parte do trabalho da TAG Livros, a qual inclui, no material impresso de apoio à leitura, um QR Code que encaminha o leitor para uma experiência de expansão da leitura através de uma *playlist* especial. Também são disponibilizados *podcasts* com entrevistas, nos quais autores dos textos de apoio compartilham suas ideias. Ambos os materiais estão disponíveis no Spotify e aplicativo da TAG Livros.

No romance *Índigenas de Férias* (2022), publicado originalmente como *Indians on Vacation* (2020), Thomas King utiliza a viagem do casal Bird e Mimi como metáfora de uma jornada que é, antes de tudo, interna — uma busca pela memória, pela identidade e pela reconciliação com as ausências provocadas pela colonialidade³. Ao longo da obra, elementos simbólicos como o desaparecimento do Tio Leroy, a constante permanência narrativa em Praga e a materialização dos "demônios" internos do protagonista funcionam como dispositivos que tensionam as fronteiras entre passado e presente, individual e coletivo, trauma e resistência.

Além disso, o diálogo com outros trabalhos do

autor, como a produção poética e audiovisual *I'm Not the Indian You Had in Mind* e o livro de ensaios *The Truth About Stories*, amplia o entendimento sobre como a construção das narrativas é central para a formulação das identidades — tanto na maneira como os povos indígenas são vistos quanto na forma como se veem. No posfácio de *The Truth About Stories*, intitulado "Private Stories", King afirma de maneira categórica que "A verdade sobre as histórias é que elas são tudo o que somos" (2003, p. 153)⁴, ou seja, a verdade sobre as histórias é que somos feitos delas. Essa declaração sintetiza a dimensão política e existencial que as narrativas assumem na luta contra o apagamento histórico e simbólico imposto aos povos indígenas.

No contexto contemporâneo, marcado pela força das mídias e pela perpetuação de imagens coloniais, Thomas King também se vale de múltiplas linguagens — da literatura à produção audiovisual — para intervir nesse campo de disputa. Como destaca Stuart Christie em seu artigo "Thomas King Meets Indigenous Convergent Media" (2012), as mídias convergentes oferecem aos povos indígenas a possibilidade de ressignificar suas imagens, ocupando espaços tradicionalmente dominados pela cultura eurocêntrica e, assim, enfraquecendo as ideologias herdadas da conquista e do colonialismo.

Ao mesmo tempo, o humor se estabelece como uma das ferramentas mais sofisticadas na obra de Thomas King. Conforme analisa Bianca Leimontas em sua dissertação de mestrado *You're Not the Indian I Had in Mind: Storytelling and Orality in Thomas King's Native Narrative* (2018), a ironia, a sátira e o riso não são apenas recursos estilísticos, mas estratégias de resistência que, além de denunciar as práticas coloniais, reafirmam a presença, a resiliência e a vitalidade das identidades indígenas no mundo contemporâneo. Suas palavras ecoam a própria visão de King sobre a função do humor em seu trabalho. Como afirma

³ Como define Anibal Quijano em seu ensaio "Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina" (2005), a colonialidade refere-se à persistência de padrões de poder e dominação estabelecidos pelo colonialismo, mesmo após a independência política das colônias. Não se trata apenas da dominação colonial em si, mas de uma estrutura mais profunda que molda as relações sociais, econômicas, culturais e epistêmicas globalmente.

⁴ Tradução nossa do original em inglês: "The truth about stories is that that's all we are".

Rubelise da Cunha (2022, p. 10), em seu prefácio a *Indígenas de Férias*, o autor reconhece que sua forma de ativismo se expressa através do humor:

A subversão de estereótipos no romance também vem acompanhada do humor indígena característico de seus textos literários, ferramenta que Thomas King considera poderosa para abordar os dilemas das personagens indígenas e para a revisão da história de violência colonial do Canadá. Ao ser entrevistado no documentário *Redskins, Tricksters and Puppy Stew* (2000), dirigido por Drew Hayden Taylor, o autor reconhece que o humor de seus textos literários é sua forma de ativismo, já que o humor consegue derrubar barreiras e entrar não somente pela porta da frente da casa das pessoas, mas também na intimidade da cozinha.

Diante disso, este trabalho propõe-se a discutir como Thomas King desconstrói os estereótipos indígenas e ressignifica a narrativa identitária dos povos originários através de suas obras, contribuindo para uma crítica ao imaginário colonial que ultrapassa as fronteiras do Canadá e dialoga com a história colonial das Américas, por isso a importante contribuição da tradução de seu romance no Brasil. Nossa análise fará um entrecruzamento entre o romance *Indígenas de Férias*, o poema do curta-metragem *I'm Not the Indian You Had in Mind* e as ideias de King em sua ensaística *The Truth About Stories* a fim de abordar como o discurso colonial não se sustenta apenas na dominação territorial, mas, sobretudo, na imposição de narrativas que moldam imaginários, subjetividades e relações de poder. Assim, ao tensionar essas narrativas, Thomas King não apenas recupera histórias silenciadas, como também abre caminhos para novas formas de existir, resistir e contar o mundo sob uma perspectiva indígena.

A jornada: busca pela memória e identidade

O último romance de Thomas King tem como personagens centrais um casal contemporâneo de meia-idade e seus dilemas, e é através deles que tomamos conhecimento de suas origens indígenas e de questões enfrentadas pelos povos originários no Canadá. O casal Blackbird Mavrias

e Mimi Bull Shield viaja de férias à República Tcheca no intuito de encontrar pistas do paradeiro de Tio Leroy.

Ao longo de *Indígenas de Férias*, percebe-se que a narrativa se ancora em um recurso recorrente e profundamente simbólico: a constante retomada da frase "Portanto, estamos em Praga". Esse refrão não é um mero marcador espacial, mas um elemento discursivo que revela a verdadeira natureza da viagem empreendida pelos protagonistas Bird e Mimi. Embora fisicamente estejam se deslocando por diferentes países da Europa — Hungria, Eslováquia, Grécia, Holanda, entre outros —, simbolicamente a jornada permanece estática, enraizada na cidade de Praga, último destino conhecido do Tio Leroy Bull Shield. Praga, portanto, não é apenas um espaço geográfico no mapa, mas sim uma geografia afetiva, um território simbólico no qual confluem as memórias, os traumas e as ausências que estruturam a identidade do narrador Blackbird Mavrias. A insistência em situar todos os eventos na mesma cidade revela que a viagem não é, de fato, externa, mas profundamente interna — uma travessia emocional e identitária. Essa leitura se fortalece à medida que Bird reflete sobre sua própria obsessão por figuras ausentes em sua vida. Questiona-se:

Assim que entro no nosso quarto, eu me pergunto, e pela primeira vez, por que desperdiço minha vida correndo atrás de homens desaparecidos ou mortos.
 Meu pai.
 Meu avô.

Leroy Bull Shield (King, 2022, p. 247).

Fica evidente que o desaparecimento de Tio Leroy funciona como metáfora das sucessivas ausências que atravessam gerações de sua família e, por extensão, da história dos povos indígenas. A colonialidade não apenas expropriou territórios físicos, mas também produziu desaparecimentos simbólicos, afetivos e culturais. A perda do pai, do avô e do tio representa, assim, a experiência coletiva dos povos indígenas que, ao longo da história, tiveram sua memória sistematicamente apagada, suas genealogias interrompidas e suas identidades fragmentadas pela lógica colonial.

Nesse sentido, a insistência em permanecer, simbolicamente, em Praga, reflete a impossibilidade de se desvencilhar dessas ausências não resolvidas. Praga torna-se um espaço no qual o narrador confronta não apenas a ausência literal de Tio Leroy, mas também os fantasmas históricos do colonialismo, da aculturação forçada e do apagamento identitário.

Materialização dos demônios

Entre os recursos mais potentes da narrativa, está a construção dos chamados "demônios", que se configuram como representações simbólicas dos efeitos do colonialismo, do racismo e das opressões históricas internalizadas. Esses demônios não são apresentados como entidades sobrenaturais no sentido tradicional, mas sim como personificações das angústias, das inseguranças e dos traumas que habitam o protagonista.

O narrador explica seu mecanismo inicial de lidar com essas presenças incômodas: ignorá-las, empurrá-las para a sombra, fingir que não existem. Entretanto, é Mimi quem propõe uma estratégia radicalmente diferente — nomeá-los, dar-lhes rosto, voz e, conseqüentemente, torná-los visíveis e confrontáveis:

Eugene e os Outros Demônios. Muitas pessoas abrigam demônios dentro de si. Eu sei que tenho os meus, e meu método para lidar com eles é fingir que eles não existem, deixar esses demônios bem guardados na escuridão. Mimi não endossa meu método e, desde o início, ela decidiu que nós deveríamos dar nomes a eles, chamá-los pelo que eles são, iluminar as sombras nas quais eles se escondem (King, 2022, p. 59).

A partir desse momento, os demônios deixam de ser entidades abstratas e passam a ter características físicas, comportamentais e emocionais. Eugene, descrito como o principal deles, é uma figura recorrente não só na vida do protagonista, mas também na existência de todo nativo norte-americano, conforme o próprio texto revela: "Todo nativo norte-americano tem um Eugene dentro de si" (King, 2022, p. 60).

Eugene encarna a autodepreciação, fruto direto da interiorização dos estereótipos e da violên-

cia simbólica perpetuada pela colonialidade. Seus companheiros, Didi e Desi, são as manifestações da depressão e da desesperança — emoções que se retroalimentam em ciclos de dor, silêncio e invisibilidade social. Kitty, a personificação da catástrofe iminente, e Chip, uma espécie de consciência crítica tóxica, completam o séquito de demônios que acompanham o protagonista.

As descrições desses demônios são propositalmente construídas para subverter a imagem tradicional do "monstro" ou da "entidade maléfica". Eles não têm presas, olhos vermelhos ou aparência monstruosa. Pelo contrário:

Já era ruim o suficiente quando os meus demônios não eram mais do que emoções disformes e reações imprevisíveis, mas, assim que Mimi os nomeou, eles começaram a ganhar também características físicas.

Eugene, por exemplo.

Cabelo e olhos escuros, lábios carnudos. Um sorrisinho estúpido no rosto. Uma bunda de sapo. Óculos escuros espelhados e um chapéu branco sujo na cabeça.

Eugene gosta de andar com Didi e Desi, duas irmãs gêmeas que ninguém sabe diferenciar uma da outra: autodepreciação, depressão e desesperança. Um popular e poderoso ménage à trois.

Kitty é alta e magra, loira, delicada, com formas bem definidas e uma voz capaz de fazer os carros pararem de repente na beira da estrada. Chip raspa a cabeça e perde tempo demais na academia.

Eles não se parecem com demônios. Eles de forma alguma parecem ameaçadores. Eles se parecem com as pessoas com quem você esbarra todo dia na rua.

No início, eles podiam ser facilmente ignorados, mas Mimi deu nome para esses demônios. E então eles começaram a falar (King, 2022, p. 68).

Essa escolha estética reforça a ideia de que os verdadeiros monstros da vida contemporânea dos sujeitos indígenas não são externos, mas sim as conseqüências internalizadas de séculos de opressão, apagamento, marginalização e subalternização. A colonialidade não apenas rouba terras, línguas e culturas, mas também se infiltra na psique dos indivíduos, transformando-se em voz interna de autodepreciação, insegurança e medo.

A desconstrução de estereótipos

Indígenas de Férias também faz parte do trabalho artístico e crítico de Thomas King para desconstruir a narrativa colonial e eurocêntrica que permeia o discurso histórico e cultural de estereótipos relacionados aos povos originários. O título do romance no original em inglês, por exemplo – em tradução literal, “índios em férias” –, além de ironicamente utilizar o termo “índio”, o qual foi imposto aos povos originários, também apresenta um casal em uma viagem de férias tipicamente ocidental. Blackbird e Mimi, o casal indígena em férias, contraria o imaginário que ainda corrobora a ideia de autenticidade explorada no século XIX, a qual coloca o indígena na categoria de “índio morto”, pois o reconhece apenas como habitante da mata com hábitos do passado e nega sua existência no mundo contemporâneo ao considerá-lo “menos indígena” por incorporar hábitos ocidentais (Cunha, 2022). O título traduzido em português modifica o termo “índio” por “indígena”, também demonstrando o caráter educativo da obra para a desconstrução do discurso colonial no contexto brasileiro.

O estereótipo do indígena como figura exótica, mítica e romântica é alvo de crítica constante na obra. Essa crítica se materializa de forma especialmente irônica na cena em que Bird e Mimi visitam uma pizzaria com decoração temática “indígena” em plena cidade de Praga:

Portanto, estamos em Praga, e Mimi nos fez atravessar metade da cidade até essa pizzaria com decoração indígena.

- Um totem - Mimi aponta na direção do balcão da entrada. - E ali uma aljava para as suas flechas (King, 2022, p. 60).

Essa descrição ilustra de maneira contundente como os símbolos indígenas são retirados de seus contextos culturais originários, esvaziados de significado e transformados em objetos de consumo. O totem, que em muitas culturas indígenas da América do Norte possui profundo significado espiritual e genealógico, é aqui reduzido a mero ornamento decorativo de um estabelecimento

comercial europeu, absolutamente desconectado de qualquer relação cultural e histórica com os povos indígenas.

Essa cena evidencia que, na lógica capitalista global, a cultura indígena é frequentemente transformada em mercadoria, apropriada e reconfigurada para atender aos desejos do olhar ocidental, que busca o exótico, o pitoresco e o diferente, sem qualquer compromisso com a autenticidade, o respeito ou a compreensão profunda dessas culturas.

Esse tema dialoga diretamente com o poema *I'm Not the Indian You Had in Mind*, presente no vídeo de mesmo título também dirigido por Thomas King, e no qual o autor desconstrói, por meio da ironia, a imagem estereotipada do indígena construída pela indústria cultural:

*I'm not the Indian you had in mind
 I've seen him*

Oh, I've seen him ride,

a rush of wind, a darkening tide

*with Wolf and Eagle by his side*⁵ (King, 2007).

O poema inicia com uma voz poética que nega a visão preestabelecida que o leitor possa ter do indígena: “Eu não sou o índio que você tinha em mente”. Aqui o termo “índio” torna-se fundamental, pois, ao utilizá-lo, King já evoca que a visão preestabelecida dos povos originários é uma visão perpassada pelo imaginário colonial. Ao evocar o indígena em seu cavalo, o vento, e imagens como o lobo e a águia, o autor ironiza a construção do indígena como figura essencialmente ligada à natureza, selvagem, espiritualizada e isolada do mundo moderno, comumente evocada nos filmes de faroeste. Essa crítica se acentua na estrofe em que ele afirma ser o “outro”, aquele que habita o mundo contemporâneo e não faz parte desse imaginário do passado, o qual associa o indígena à categoria de “índio morto”:

I'm that other one.

The one who lives just down the street.

the one you're disinclined to meet (King, 2007).

Thomas King reafirma que os povos indígenas

⁵ Neste artigo, optou-se por fazer uma tradução livre em língua portuguesa dos versos citados em paráfrase ao longo da análise, em vez de propor uma tradução completa do poema.

não estão restritos ao passado nem confinados a reservas ou a florestas distantes. Eles estão presentes, vivem nas cidades, trabalham, pagam contas e compartilham os mesmos espaços da sociedade contemporânea, embora frequentemente sejam invisibilizados por um olhar que insiste em não os reconhecer como sujeitos do mundo contemporâneo: "Aquele que vive do outro lado da rua/aquele que você não está inclinado a conhecer".

O humor, frequentemente associado à leveza ou ao entretenimento, assume nas obras de Thomas King um papel estratégico e profundamente político. Conforme explica Leimontas (2018, p. 47), o humor, longe de ser uma simples ferramenta estética, funciona como uma tecnologia de resistência, capaz de desestabilizar os discursos colonialistas e gerar reflexão crítica:

Apesar de o humor e a ironia serem dispositivos narrativos independentes, a ironia é apontada por Ermida, juntamente com a "perspicácia" e a "risada", como "satélites conceituais do humor", os quais podem ser compreendidos como ferramentas subjacentes na construção do humor. Nos escritos indígenas, eles tendem a tornar-se um elemento ainda mais intrincado que é utilizado para denunciar práticas coloniais e afirmar a identidade indígena⁶.

O uso do humor na literatura indígena não se limita, portanto, à comicidade e ao riso. Ele opera como uma estratégia sofisticada para desmontar estruturas opressivas, tornando visível o absurdo das representações estereotipadas e a violência simbólica que elas carregam. Ao rir dessas imagens — do indígena místico, do guerreiro nobre, do selvagem exótico —, Thomas King não está apenas zombando do opressor, mas também retirando o poder que esses estereótipos exercem sobre os próprios povos indígenas.

Esse mecanismo é evidente tanto em *I'm Not the Indian You Had in Mind*, quando o eu lírico ironiza diretamente as imagens coloniais do indígena, quanto em *Indígenas de Férias*, em que

o riso surge como forma de enfrentamento dos próprios demônios internos do protagonista. A descrição de Eugene e seus companheiros, por exemplo, apesar de representar traumas profundos, é carregada de humor ácido, justamente para mostrar que esses traumas, embora reais, não são intransponíveis.

O humor também atua como ferramenta de conexão. Ele permite que a crítica alcance não apenas os leitores indígenas, mas também os leitores não indígenas, desarmando resistências, criando empatia e tornando a crítica acessível sem perder sua profundidade. Nas palavras de Leimontas (2018, p. 48), essa estratégia se torna uma prática discursiva que "denuncia práticas coloniais enquanto afirma simultaneamente a presença e a resiliência indígenas na sociedade contemporânea"⁷. Portanto, o humor em Thomas King não é uma fuga da realidade, mas, ao contrário, uma maneira de enfrentá-la, de expor suas contradições e de abrir espaço para a imaginação de futuros nos quais os povos indígenas possam existir livres das amarras impostas pela colonialidade.

O poder da narrativa: (re)construção identitária

Ao afirmar em *The Truth About Stories* que as narrativas são tudo o que somos, Thomas King sintetiza a compreensão de que as histórias não são meramente relatos sobre o mundo, mas sim o próprio mundo. Elas moldam não apenas como os indivíduos percebem a si mesmos, mas também como são percebidos pelos outros. Na perspectiva de King, o colonialismo não se sustenta apenas pela força física, militar ou econômica, mas sobretudo pela imposição de narrativas hegemônicas que definem quem é sujeito e quem é objeto na história.

Essa reflexão se manifesta de forma muito concreta em *Indígenas de Férias*, especialmente

⁶ Nossa tradução do seguinte trecho no original em inglês: "Despite the fact humor and irony are independent narrative devices, irony is pointed out by Ermida, alongside 'wit' and 'laughter', as 'conceptual satellites of humor', which can be understood as underlying tools in the construction of humor. In Native writings, they tend to become an even more intricate element that is used to denounce colonial practices and affirm Indigenous identity".

⁷ Tradução nossa do original em inglês: "Denounces colonial practices while simultaneously affirming Indigenous presence and resilience in contemporary society".

na forma como Bird e Mimi tentam reconstruir, por meio dos cartões-postais deixados por Tio Leroy, uma narrativa capaz de preencher as lacunas de sua própria história familiar. Isso se expressa claramente no seguinte diálogo:

— Tio Leroy — Mimi diz — As viagens. Visitar todos os países. Conhecer Praga.
 — Ele não viajava porque queria viajar.
 — Mesmo assim. Deve ter sido uma aventura (King, 2022, p. 23).

Nesse trecho, fica evidente que as viagens de Tio Leroy não são apenas deslocamentos físicos, mas metáforas de uma busca por pertencimento, por significado e, principalmente, por uma narrativa alternativa que rompe com os silenciamentos e os apagamentos impostos pela colonialidade.

Até mesmo questões de ordem biológica são inseridas nessa dinâmica narrativa que deslocam sentidos fixos para a construção identitária. Ao compartilhar seus problemas de saúde, Bird ironiza:

Meus problemas de saúde começaram com uma tireoide que resolveu dar curto-circuito. Quando cheguei em casa com a novidade, Mimi me disse que, em geral, problemas na tireoide só atacam as mulheres, e que esse era um sinal do quão forte as questões femininas se manifestavam dentro de mim (King, 2022, p. 9).

Esse trecho, embora carregado de humor, revela mais uma vez o desconforto com categorias fixas — sejam elas de gênero, de etnia ou de identidade. Tudo aquilo que a colonialidade tentou congelar em estereótipos, Thomas King desconstrói por meio de narrativas que afirmam a fluidez, a multiplicidade e a complexidade da experiência indígena contemporânea.

Em "Thomas King Meets Indigenous Convergent Media" (2012), Stuart Christie oferece uma análise essencial sobre como King mobiliza diferentes mídias para desconstruir os discursos coloniais e disputar o controle sobre a narrativa indígena. Segundo Christie, "Novos meios podem então apresentar oportunidades para vivificar as representações indígenas atuais em detrimento das ideologias de conquista passadas"⁸ (2012, p.

70). Essa afirmação revela um ponto crucial da produção de Thomas King: a compreensão de que as narrativas coloniais não se perpetuam apenas pela oralidade ou pela literatura, mas se disseminam, principalmente, através das mídias contemporâneas — televisão, cinema, publicidade, internet e produtos culturais. Sendo assim, se as imagens estereotipadas dos povos indígenas são reforçadas por essas mídias hegemônicas, é justamente nelas que também se pode instaurar uma contranarrativa.

Thomas King compreende, portanto, que é necessário ocupar esses espaços, produzir conteúdo que dialogue com essas plataformas e construir imagens que desafiam diretamente os discursos coloniais. Seu poema *I'm Not the Indian You Had in Mind*, por exemplo, não existe apenas em texto escrito, mas também foi transformado em uma produção audiovisual, disponibilizada em vídeo, ampliando seu alcance e seu impacto. Isso permite que a desconstrução dos estereótipos ultrapasse os limites da literatura e alcance públicos que, muitas vezes, não teriam acesso a esses debates em espaços acadêmicos ou literários tradicionais.

Christie destaca que essa estratégia é uma maneira de reposicionar a imagem indígena na contemporaneidade, retirando-a dos enquadramentos que a confinam ao passado. Ao explorar linguagens múltiplas — como literatura, poesia, vídeo e *performance* —, Thomas King cria pontes entre tradição e modernidade, mostrando que os povos indígenas não apenas existem no presente, como também dominam as linguagens do mundo contemporâneo.

Essa reflexão dialoga diretamente com a estrutura de *Indígenas de Férias*, que, embora seja uma obra literária, adota uma linguagem altamente visual, cinematográfica e performática, marcada por diálogos rápidos, ironias constantes e quebra de expectativas — elementos que facilitam sua tradução para outros meios e formatos. Dessa forma, Thomas King reafirma que a disputa pela narrativa não ocorre apenas no campo simbólico-

⁸ Tradução nossa do original: "New media may thus present opportunities to vivify present Indigenous representations at the expense of the ideologies of past conquest".

lico, mas também no campo midiático, no qual se constrói, disputa e ressignifica a imagem dos povos indígenas na sociedade globalizada.

Narrativas convergentes: Canadá e Brasil

A obra de Thomas King revela-se como uma potente ferramenta de questionamento e subversão das narrativas coloniais que historicamente moldaram a imagem dos povos indígenas. Por meio de uma escrita que transita entre o humor, a ironia e a crítica social, o autor desconstrói estereótipos arraigados e oferece novas possibilidades de leitura das identidades indígenas, deslocando-as do lugar do exótico, do marginalizado e do passado. Sua abordagem, profundamente intertextual e multimodal, ultrapassa os limites da literatura e alcança outros espaços midiáticos, ampliando o alcance de suas reflexões e fortalecendo a luta pela soberania narrativa.

Mais do que simplesmente contestar representações equivocadas, Thomas King opera uma reconstrução ativa da memória e da identidade, reposicionando os sujeitos indígenas no centro de suas próprias histórias. Seus textos demonstram que o processo de descolonização não ocorre apenas no campo material, mas também — e sobretudo — no campo simbólico, discursivo e afetivo. Ao fazer da literatura um espaço de resistência e afirmação, King contribui significativamente para a reconfiguração dos imaginários sociais, reafirmando que as histórias, longe de serem meras ficções, são estruturas fundantes da maneira como os povos existem, resistem e se projetam no mundo contemporâneo.

O momento para a chegada dos escritos do autor no Brasil em língua portuguesa e os meios não poderiam ser mais convergentes: um ano após a publicação de *Indígenas de Férias*, testemunhamos o primeiro pensador indígena – Ailton Krenak – tornar-se membro da Academia Brasileira de Letras, o que demonstra o reconhecimento oficial dos saberes dos povos originários como basilares para as Letras e a literatura no Brasil. Além disso, é crucial destacar a consultoria da escritora indígena Trudruá Dorrico para

a publicação da tradução de Davi Boaventura pela Editora Dublinense. Assim como Thomas King transita entre a escrita criativa e a carreira acadêmica, Trudruá Dorrico possui doutorado em Teoria Literária pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), além de produzir obras literárias e de crítica teórica de grande significância para a difusão e os estudos de literatura indígena.

As narrativas sobre as vivências indígenas convergem nas Américas e, no que concerne o Canadá e o Brasil, cabe destacar o quanto os dilemas do narrador protagonista de *Indígenas de Férias*, os quais expressam muitas das questões que concernem o próprio autor, Thomas King, também evocam os dilemas experienciados por escritores indígenas do Brasil em suas vidas e obras. A metáfora do encontro com os demônios na obra reverbera nas múltiplas histórias contadas por escritoras como Trudruá Dorrico, consultora indígena da tradução brasileira do romance de King, que empreendeu uma jornada de retorno às suas raízes Macuxi em Roraima, ao mesmo tempo que seu trabalho como escritora atravessa fronteiras: atualmente a autora é reconhecida e convidada para palestras em países como Alemanha, França e Inglaterra. Em seu poema "Promíscua", no livro *Tempo de retomada* (2023), a autora evoca o demônio da autodepreciação que assombra Bird em *Indígenas de Férias*, ao retomar o imaginário colonial que posiciona a mulher indígena como objeto sexual e a deprecia: "Eu que fui ensinada a odiar meu sorriso alto/ Minha cordialidade/ Odiar meu corpo, meu espírito" (Dorrico, 2023, p. 67). No entanto, é nessa jornada de encontro com os demônios que a voz poética também retoma seu corpo como território indígena, num ritual de regresso no amor:

Eu, condenada pela natureza do vício à corrupção,
à fornicação
Eu que fui ensinada a me odiar profundamente
Em todas as minhas superfícies e relevos
[igualmente selvagens?]
Eu
Eu
Eu...

Que estou aprendendo a amar cada curva em mim

Volto o rosto em sua direção

A pele da terra tem outro olhar

É breve, mas é um arrebatamento dessa solidão (Dorrigo, 2023, p. 67-68).

O poema de Trudruá Dorrigo realiza um exercício que também evoca a desconstrução poética de estereótipos que King faz ao contrapor o leitor com o verso "Eu não sou o índio que você tinha em mente", confrontando o discurso colonial a fim de reafirmar a presença e as raízes indígenas fortalecidas no mundo contemporânea. Sendo assim, a publicação de *Indígenas de Férias* no Brasil, obra que aproxima o público leitor brasileiro do trabalho crítico e artístico de Thomas King, não apenas amplia o acesso à literatura indígena canadense, mas também desafia leitores brasileiros a refletirem sobre as representações indígenas em diferentes contextos, assim como a presença indígena na contemporaneidade, a qual tanto habita territórios tradicionais como está imersa em contextos urbanos e tecnológicos. O romance, juntamente com os ensaios do livro *The Truth About Stories* e produções poéticas e audiovisuais como *I'm Not the Indian You Had in Mind*, contribuem para um debate mais amplo sobre identidade, memória e resistência indígena, temas centrais na trajetória e obra literária de Thomas King, assim como nas discussões que envolvem os povos originários e que reverberam hoje na produção literária e crítico-teórica desenvolvida por escritores indígenas no Brasil.

Referências

CHRISTIE, Stuart. *Thomas King Meets Indigenous Convergent Media*. Thomas King: Works and Impact. Rochester: Camden, 2012. p. 67-83.

CUNHA, Rubelise. *Uma viagem narrativa com Thomas King*. Material de apoio à leitura de *Indígenas de Férias*. Porto Alegre: TAG Livros, 2022. p. 8-11.

DORRIGO, Trudruá. *Tempo de retomada*. Cotia: Urutau, 2023.

I'M NOT THE INDIAN YOU HAD IN MIND. Direção: Thomas King. Produção: Laura J. Milliken. Canadá: Big Soul Productions, 2007. 1 DVD. (4.41 min.)

KING, Thomas. *A short history of Indians in Canada*. Toronto: Harper Collins, 2005.

KING, Thomas. *Green grass, running water*. Toronto: Harper Collins, 1993.

KING, Thomas. *Indígenas de Férias*. Tradução de Davi Boaventura. Porto Alegre: Dublinense, 2022.

KING, Thomas. *Medicine River*. Toronto: Penguin, 1990.

KING, Thomas. *One good story, that one*. Toronto: Harper Collins, 1993.

KING, Thomas. *The back of the turtle*. Toronto: Harper Collins, 2014.

KING, Thomas. *The inconvenient Indian: a curious account of Native People in North America*. Toronto: Anchor Canada, 2012.

KING, Thomas. *The truth about stories: a Native narrative*. Toronto: House of Anansi Press, 2003.

KING, Thomas. *Truth and Bright Water*. Toronto: Harper Collins, 1999.

KING, Thomas; MONKMAN, William Kent. *A Coyote Columbus story*. Toronto: Douglas and McIntyre, 1992.

LEIMONTAS, Bianca Machado Orrego. *You're not the Indian I had in mind: storytelling and orality in Thomas King's Native narrative*. 2018. 108 p. Dissertação (Mestrado em Inglês: Estudos Linguísticos e Literários) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/193844/PPGI0120-D.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>. Acesso em: 30 maio 2025.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e perspectivas sociais*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.

Rubelise da Cunha

Doutora em Teoria Literária pela Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre (PUCRS) e professora titular de Literaturas de Língua Inglesa na Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Atualmente coordena o Núcleo de Estudos Canadenses (NEC FURG) e dedica suas pesquisas aos estudos das Literaturas Indígenas no Brasil e no Canadá.

Lohanna Gonçalves Laureano

Aluna de graduação no curso de Letras Português/Inglês da FURG e bolsista de iniciação científica PIBIC CNPq no Projeto de Pesquisa "O Início do Fim: A Literatura Indígena e a Reescrita da História Literária nas Américas", coordenado pela professora doutora Rubelise da Cunha.

Endereço para correspondência**RUBELISE DA CUNHA**

Rua dos Buganvilles, 285, Cassino, 96205-370

Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil

LOHANNA GONÇALVES LAUREANO

Rua Doutor Miguel Riet Correa 99 - Vila Maria, 96203-310

Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados por Araceli Pimentel Godinho e submetidos para validação dos autores antes da publicação.